

8. A alegria de Cristo

A alegria cristã, a alegria de Cristo, aquela que Ele nos promete, é uma alegria inseparável da caridade. É claro, então, que se Jesus nos promete a alegria, não nos promete uma alegria qualquer: Ele nos promete a *Sua* alegria que tem toda a sua consistência no amor de Deus: "Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Perseverai no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, sereis constantes no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e persisto no seu amor. Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa." (Jo 15, 9-11).

A plenitude da *nossa* alegria é a alegria *de Cristo* em nós. Esta é uma coisa essencial de se entender e viver, essencial e extraordinária.

Cristo fala-nos do seu amor e do Pai, diz-nos que no Seu amar-nos nos é dado o Amor trinitário entre o Pai e o Filho no Espírito Santo para que nele possamos habitar, através de uma obediência. E Ele nos diz tudo isso para que sua alegria esteja em nós e seja uma plenitude de alegria.

Isso significa também que a verdadeira alegria, sendo a alegria de Cristo em nós, é sempre uma surpresa. A alegria verdadeira é sempre a surpresa diante da descoberta de um tesouro, de uma pérola (cf. Mt 13,44-46). A alegria está ligada ao dom de um tesouro. Isso significa que a alegria permanece, ou se reencontra, se aprofunda, se renova, na medida em que permanece, é encontrada, aprofundada e renovada a descoberta do tesouro, a descoberta da pérola.

"Descobrir" alguma coisa é diferente de fazê-la ou criá-la. Significa se deparar com uma realidade grande e bela que você sente ter sido dada, gratuitamente, mesmo que para descobri-la você tenha feito um longo caminho, você tenha se esforçado em uma longa busca. Quando você encontra o tesouro, mesmo que tenha cavado muito, você descobre um dom gratuito, que supera tudo o que você foi capaz de dar na sua busca.

Pensemos, por exemplo, nos Reis Magos. Que longa viagem fizeram para chegar a Belém! Sabiam que encontrariam um menino, mas quando chegam sentem toda a surpresa de um dom que não tinham previsto, um dom desproporcional à sua longa viagem, desproporcional ao que tinham previsto, preparado, planejado.

"E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra." (Mt 2,9-11)

Os dons dos magos são desproporcionais porque foram preparados para serem oferecidos a um filho de reis. Eles vieram como a rainha de Sabá veio a Salomão. Encontrando-se naquela casa, naquela pobre casa, provavelmente metade esculpida na rocha e metade em alvenaria, com dentro e fora alguma ovelha ou cabra, umas galinhas, naquele lugar que cheirava a estrume, a fumo de lareira, a queijo feito em casa... imaginem como eles devem ter se sentido deslocados com seu

ouro em mãos, seus aromas preciosos, incenso e mirra! Eles devem ter sentido uma sensação invertida de desproporção. Não era a pequenez e pobreza de Jesus e da Sagrada Família que não suportavam o valor dos seus dons, das suas pessoas. Eram seus dons, suas pessoas, a ideia que se tinham feito do menino que não suportava o valor daquilo que descobriam. Até agora, tinham sempre se alegrado descobrindo realidades aparentemente mais preciosas do que eles mesmos, como as estrelas que deslizavam no céu. Agora eles se deparavam com uma realidade que aparentemente não tinha nenhum valor comparado a eles, ao que eles eram, conheciam e possuíam. No entanto, precisamente o ponto máximo do valor aparente que eles tinham perseguido, a estrela luminosa, eis que ela parou, se fixou, desceu e depois desapareceu sobre um lugar sem valor, "o lugar onde se encontrava o menino" (Mt 2,9).

Os Magos poderiam ter ficado irritados, rido da piada na qual tinham acreditado ingenuamente, retomado a viagem com tudo o que tinham... Um pouco como Naamã, o Sírio, quando se irritou por Elias tê-lo mandado tomar banho no Jordão para curar sua lepra (cf. 2 Reis 5,11 ss.).

Em vez disso, o que acontece com os Magos? Por que não se vão embora? Por que entram, prostram-se e adoram, contra toda razoabilidade? Aos Magos acontece "uma grande alegria". Uma alegria que sentem ao ver a estrela parar. Mas há dois anos eles estão vendo essa estrela, então não é a estrela a razão de sua alegria. É o fato de que ela para e indica um lugar, o objetivo, o fim de toda a busca do seu coração. A parada da estrela revela a presença do Menino. Ainda não o viram, ainda não entraram em casa, ainda não viram nada, mas seus corações já entenderam tudo, já entraram junto ao Menino, já experimentam a alegria do encontro com Ele.

Entrando, como eu disse, eles poderiam sofrer um golpe de tremenda decepção, uma daquelas decepções que fazem a alegria morrer imediatamente. Mas não! "Quando entraram em casa, viram o menino com Maria, sua mãe, prostraram-se e adoraram-no."

Eles entram, eles veem... E até agora não há nada de especial, e até agora tudo ainda é possível para eles, ficar ou partir, reconhecer ou rejeitar, amar ou desprezar. Neles, desencadeia-se a escolha mais estranha, a mais aparentemente inadequada ao lugar onde entram, a mais inadequada ao que veem: *prostram-se e adoram*.